



*Protestantismo em Revista* é licenciada  
sob uma Licença Creative Commons.

# O perdão nos escritos de Dom Luciano Mendes de Almeida

*Forgiveness in Dom Luciano Mendes de Almeida's writings*

Virgínia Buarque\*

## Resumo

Dom Luciano Mendes de Almeida (1930-2006), bispo-auxiliar de São Paulo e arcebispo de Mariana, secretário e presidente da CNBB e vice-presidente do CELAM, teve importante papel como mediador no processo de redemocratização brasileira, no movimento em favor dos direitos humanos e na tentativa de mitigação de conflitos internacionais, como os ocorridos no Líbano e nos países do bloco soviético. Neste processo, a temática da reconciliação mostrava-se de importância crucial, como registrado em seus escritos. Este artigo visa, assim, interpretar os sentidos por ele atribuídos à experiência do perdão em âmbito pessoal e societário, tecendo um entrecruzamento entre fé, intersubjetividade e política.

## Palavras-chave

Perdão. Dom Luciano Mendes de Almeida. Fé. Intersubjetividade. Política.

## Abstract

Dom Luciano Mendes de Almeida (1930-2006), adjunct Bishop of São Paulo and archbishop of Mariana, secretary and president of CNBB and vice-president of CELAM, played an important role as mediator in the redemocratization process in Brazil, in the human rights movement and in the attempt to mitigate international conflicts as those in Lebanon and the Eastern Bloc. In this process, the theme of reconciliation was crucially important as reported in his writings. This paper aims at interpreting the meanings he attributed to the experience of forgiveness both personally and socially, intertwining faith, intersubjectivity and politics.

## Keywords

Forgiveness. Dom Luciano Mendes de Almeida. Faith. Intersubjectivity. Politics.

---

[Texto recebido em 11/10/2015 e aceito em 26/04/2016, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

\* Doutora em História, com pós-doutorado em Ciências Religiosas. Professora adjunta da Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, Minas Gerais, Brasil. E-mail: virginiacastrobuarque@gmail.com. A pesquisa contou com financiamento parcial do CNPq

## Introdução

Dom Luciano Mendes de Almeida (1930-2006), bispo-auxiliar de São Paulo e arcebispo de Mariana, secretário e presidente da CNBB e vice-presidente do CELAM, teve importante papel como mediador no processo de redemocratização brasileira, no movimento em favor dos direitos humanos e na tentativa de mitigação de conflitos internacionais, como os ocorridos no Líbano e nos países do bloco soviético, como descrito pelo jurista Plínio de Arruda Sampaio,

[...] sua cultura e lucidez transcendiam suas preocupações de pastor diocesano. Ele descortinava o Brasil todo e toda a América Latina. Por 16 anos, D. Luciano foi secretário-geral e presidente da Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB), onde pôde exercer marcante influência nos pareceres, decisões e providências desse colegiado de bispos, cuja salutar atuação na sociedade é conhecida de todos: nos conflitos de terra, nas agressões aos direitos humanos, na pobreza urbana, nos problemas carcerários, nos abusos aos direitos indígenas. No âmbito internacional, atuou decisivamente nas conferências episcopais latino-americanas de Puebla e de Santo Domingo, e foi delegado a vários sínodos de Roma.<sup>1</sup>

Observe-se, porém, que o pastoreio de dom Luciano ultrapassava as fronteiras da catolicidade – ele também apoiava decididamente atuações conjugadas com as demais igrejas cristãs e outras denominações religiosas em favor da ética no espaço político e da justiça social, ações inspiradas na mensagem evangélica:

Abre-se, assim, um vasto campo para a colaboração das igrejas. [...] O bom resultado dessas iniciativas demonstra que, para promover a dignidade dos que estão à margem da sociedade, é indispensável muita fé em Deus e amor para acolhê-los. As igrejas cristãs vão se dando as mãos para colocar em comum o próprio zelo e a experiência de modo a assegurar, em nome de Cristo, o atendimento humanitário a milhares de irmãos em extrema necessidade.<sup>2</sup>

Assim, pondera o jesuíta Mac Dowell, “[...] quando eu me refiro a dom Luciano como um ponto de união na Igreja, lembro o ecumenismo pelo qual ele muito lutou, procurando contribuir para o fortalecimento das Igrejas cristãs, o diálogo inter-religioso”.<sup>3</sup> E uma das temáticas cruciais para dom Luciano, ao longo de seu episcopado, inclusive nesta interface ecumênica, era a da vivência do perdão, como registrado em seus escritos. Esta comunicação visa, assim, interpretar os sentidos por ele atribuídos à experiência do

---

<sup>1</sup> Depoimento de Plínio de Arruda Sampaio. *Apud*: ARROCHELLAS, Maria Helena. *Deus é bom: homenagem a Dom Luciano*. Rio de Janeiro: EDUCAM, 2006. p. 251.

<sup>2</sup> ALMEIDA, Luciano Mendes de. A Caminho da Páscoa. *Folha de São Paulo*, 18 mar. 2000.

<sup>3</sup> Depoimento do padre João Mac Dowell. *Apud*: ASSIS, Margarida Drummond de. *Dom Luciano, especial dom de Deus*. Rio de Janeiro: EDUCAM, 2010. p. 446.

perdão em âmbito pessoal e societário, tecendo um entrecruzamento entre fé, intersubjetividade e política.<sup>4</sup>

### **A importância do perdão para a fé e a ética cristãs no tempo presente**

Continuamente, em seus enunciados, dom Luciano reportava-se à importância da experiência do perdão: “O projeto divino de salvação em Jesus Cristo [...] oferece à humanidade caminhos de conversão e ensina a norma suprema da auto-realização pelo dom de si ao próximo, pela prática do amor gratuito, do perdão e da predileção pelos mais pobres e excluídos”.<sup>5</sup> Tal relevância por ele atribuída ao ato de perdoar foi belamente sintetizada em um de seus derradeiros artigos no jornal *Folha de São Paulo*, publicado na véspera de seu falecimento. Neste texto, ele entrelaça a gratidão pelo amor de Deus gratuitamente ofertado e interiorizado na pessoa humana com o dom de si na partilha de vida e no perdão:

Quem nos ilumina sobre o desígnio divino da salvação é Jesus Cristo, Filho de Deus, que veio anunciar a Boa Nova e nos ensinar a viver, já nesta vida, os valores do Reino definitivo. Por vontade do mesmo Deus, devemos, a exemplo de Maria, tornar presente a beleza da vida da graça divina em nós. [...]

São duas as expressões mais fortes da fraternidade cristã: a partilha e o perdão. Por partilha entendemos a capacidade de dividir com os outros o que de Deus recebemos. É preciso, assim, partilhar não só o alimento cotidiano mas também tudo o que somos e temos. Os jovens cristãos são chamados a dar testemunho de vida solidária e feliz pela comunhão de bens para marcar a superação do egoísmo e revelar a força de Cristo em nosso meio. À medida que partilhamos o pão, a humanidade torna-se mais fraterna, e obteremos como fruto a alegria própria do amor gratuito de quem vive o Evangelho da partilha e da comunhão.

A outra atitude que expressa de modo claro e forte a nossa intenção de servir a Deus na vida de discípulos e discípulas de Jesus é o exercício do perdão evangélico. É o que mais falta na sociedade. Quem crê recebe uma força especial para amar e perdoar.<sup>6</sup>

A compreensão da primazia do perdão no âmago da vivência cristã foi sendo amadurecida por dom Luciano ao longo de sua vida, tornando-se mais explícita sobretudo a partir de 1990, logo depois dele ter sofrido um grave acidente automobilístico, conforme indicou em entrevista à revista *Família Cristã*:

---

<sup>4</sup> A temática desta comunicação foi originalmente abordada no relatório final de estágio pós-doutoral em Teologia realizado na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), sob a supervisão do prof. dr. Geraldo de Mori, concluído em setembro de 2015.

<sup>5</sup> ALMEIDA, Luciano Mendes de. Ser amado e amar. *Folha de São Paulo*, 6 maio 2006.

<sup>6</sup> ALMEIDA, Luciano Mendes de. Partilha e perdão. *Folha de São Paulo*, 26 ago. 2006.

Foi uma revalorização dos acontecimentos e, ao mesmo tempo, uma intensificação na valorização de tantos pontos que hoje marcam mais a minha vida. Por exemplo: o compromisso com os pobres, a vontade de vê-los atendidos numa sociedade digna; consciência de que pertence à missão da Igreja colaborar para isso. Depois, a experiência interior da oração na certeza de que Deus está sempre presente e não falha, de tudo tira o bem e que os sofrimentos, mesmo quando imprevistos e até mesmo muito fortes, têm um sentido redentor.<sup>7</sup>

Logo, juntamente com a partilha, o ato de perdão portava uma suma importância para a vivência da fé e da ética cristãs no tempo presente:

Assim como para mim o mais belo ato de amor é o perdão, que nós aprendemos de Deus, aprendemos seguindo a Jesus, assim parece-me que a sua falta torna uma pessoa carente de amor triste e infeliz. Não quero esquecer aqueles que estão na necessidade material, pelo contrário, sinto em meu coração um forte pendor para dedicar-me aos carentes do necessário à vida. Talvez seja este o pobre que mais frequentemente encontro. Mas – é curioso – [...] pobre, verdadeiramente pobre, necessitado, é o que não tem amor, não só por estar sozinho, por estar abandonado, mas porque recusa aos outros o coração, porque se fecha em si mesmo e sente esta dureza de coração por incapacidade de amar, de perdoar, de sentir a alegria do perdão.<sup>8</sup>

Mas o que significava exatamente perdoar, no entendimento de dom Luciano? De acordo com os textos por ele legados, perdoar consistia em uma disposição muito mais abrangente do que não guardar ressentimento – tratava-se, em suas palavras, de “pagar o mal com o bem”:

[...] a mais bela lição ética do cristianismo, aliás a única capaz de mudar, ainda em tempo, o rumo fraticida da história: “Não te deixes vencer pelo mal, vence, antes, o mal com o bem (Rm 12,21). [...] Nas suas componentes mais profundas, o mal é um trágico esquivar-se às exigências do amor. O bem moral, pelo contrário, nasce do amor e orienta-se pelo amor.<sup>9</sup>

E qual o gesto máximo de “fazer o bem”? Doar-se inteiramente, dizia dom Luciano, não apenas morrer pelo próximo, num gesto extremo de dádiva de si, mas também viver diuturnamente por ele e com ele, suportar seus limites, integrá-lo à própria vida, sem exclusões e desqualificações. Neste âmbito, enquanto a partilha de si implica em comungar a sorte das vítimas, a reconciliação requer que o algoz não seja reificado no mal que promoveu, mas possa ser também vislumbrado na ambiguidade e fragilidade de sua

---

<sup>7</sup> Depoimento de dom Luciano Mendes de Almeida. *Apud*: BOTASSO, Rosalina. A vida renasce. Entrevista com dom Luciano. *Família Cristã*, junho de 1990. p. 8.

<sup>8</sup> Depoimento de dom Luciano Mendes de Almeida. *Apud*: OLIVERO, Ernesto. *Unidos em favor da paz*: diálogos com dom Luciano Mendes de Almeida. São Paulo: Loyola, 1991. p. 116-117.

<sup>9</sup> ALMEIDA, Luciano Mendes de. A paz de Cristo. *Folha de São Paulo*, 12 jan. 2005. Também no artigo supra citado, “Partilha e perdão”, dom Luciano afirma: “Eis aí o testemunho de amor mais forte que os jovens podem dar ao mundo de hoje: pagar o mal com o bem”.

condição humana. Emerge, assim, o ato supremo da fraternidade, a reconciliação com este outro promotor do mal, apesar de todo sofrimento por ele desencadeado.

Em síntese, pode-se, assim, identificar um tríplice sentido de perdão para dom Luciano: 1) vislumbrar, para além da agressão, a miséria do agressor, e (con)doer-se; 2) perceber-se também enredado na miséria das próprias agressões cometidas; 3) compartilhar o estado de sofrimento (por vezes irreversível), provindo da agressão, que é também de esperança de superação (de um ir além de si, em nome de um bem maior).

### Matrizes evangélicas e teóricas do perdão

Mostra-se possível inserir o entendimento e a vivência do perdão, para dom Luciano, no bojo de uma ampla discussão teórica travada não apenas pelas religiões e teologias, mas também no âmbito da filosofia e das ciências humanas, através da qual o sofrimento impingido a outrem, apesar de suas facetas desestruturantes e até aniquiladoras, pode, paradoxalmente, também desencadear um efeito mediador: a falta (da qual ele é a expressão) pode propiciar a passagem de um estado (do que ainda não é) a outro (o que vem a ser), suscitando uma nova relação com a realidade.<sup>10</sup> De acordo com a teóloga canadense Anne Fortin,

[...] a falta não é apenas negativa, pois sem ela os humanos estariam em fusão com os objetos e entre eles. [...] A falta configura-se, portanto, mais do que numa falta do sujeito, como uma falta entre os sujeitos. A estrutura da falta é a de um espaço aberto que permite que os sujeitos permaneçam disponíveis a algo de que não detém o controle, seja do espaço relacional entre eles, seja do tempo em que esse espaço poderá ser vivenciado. Assim esta falta constitutiva entre os sujeitos, por permitir que a palavra circule e construa o fazer, é uma condição de possibilidade da própria existência e convivibilidade humana.<sup>11</sup>

Michel de Certeau, por sua vez, interpreta como as experiências da dor e da morte são relidas de forma emblemática – e, para muitos, enigmática – pelo cristianismo, tendo sua conotação destrutiva reelaborada sob o viés do advento de um novo. Assim, para ele, se a perda é irreparável – pois o essencial visível do cristianismo não pode ser estabelecido

<sup>10</sup> KRISTEVA, Julia. *Introdução à Semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 168-169; 191: “É sob esta forma que a lógica do discurso, em suas elaborações tardias mais sutis (na dialética de Hegel), reconhecerá a negação, na medida em que ela é um procedimento que serve para articular a afirmação de uma identidade. [...] Refletindo sobre a constituição do sujeito falante, Freud encontrou em sua base, no ponto portanto onde o inconsciente sobrenada sutilmente num julgamento consciente, a operação da negação, a *Verneinung*, (traduzida em francês por denegação). [...] Este movimento que faz lembrar a *Aufhebung* hegeliana, supõe as três fases da negação hegeliana e é expresso claramente pelo sentido filosófico do termo *Aufhebung* (= negar, suprimir e conservar, portanto, ‘suspender profundamente’). [...] para Freud, [...] a negação [...] é o próprio gesto que constitui o sujeito racional, o sujeito lógico, o sujeito que implica o discurso; ou seja, a problemática do signo”.

<sup>11</sup> FORTIN, L'intrigue, une question semiotique? In: PASQUIER, Anne; MARGUERAT, Danie; WÉNIN, André (org). *L'intrigue dans le récit biblique*. Leuven-Paris-Walpole: Uitgeverij Peeters, 2010. p. 77. Tradução minha.

(sendo ele demarcado pela ausência de um corpo, o corpo de Jesus, reproduzido pela destruição sociopolítica de Israel) –, tal desaparecimento é fundador: a palavra só toma forma católica (universal) e pentecostal (espiritual) ao separar-se de uma origem religiosa lida de maneira excludente por critérios étnicos e políticos. É a *kénosis* que permite a ressurreição do sentido.<sup>12</sup>

Simultaneamente, cabe buscar as matrizes inspiradoras da singularidade de sentido atribuída ao perdão por dom Luciano. Considera-se, dessa maneira, que a primeira matriz a inspirar o sentido por ele atribuído ao perdão foi o próprio Evangelho:

A missão de Jesus Cristo, segundo são Paulo ensina (Ef 2, 17-20), é a de reconciliar. Deus Pai reconcilia consigo o mundo por seu Filho. Somos chamados a construir uma sociedade de irmãos. E a Igreja é herdeira dessa missão evangelizadora. [...] Não basta amar os bons, é preciso amar àqueles que nos fazem mal. Está neste ensinamento a chave da fraternidade universal.<sup>13</sup>

Em desdobramento, a raiz neotestamentária da valorização do perdão por dom Luciano foi por ele realçada em seu discurso de agradecimento pela conferência do título de doutor *honoris causa* em teologia pela Faculdade Jesuíta (FAJE), em Belo Horizonte:

Fala-se muito de reconciliação, a grande categoria teológica de são Paulo. A reconciliação está, da nossa parte, com o projeto divino de salvação. Não é conversão de todos, não é a alegria do mundo, não é ter as pessoas todas já numa espécie de convivência fraterna. É aguentar. Aguentar a história, os reveses da história. Aguentar os meandros da maldade humana e viver na paz, sabendo que o projeto de Deus é um projeto de salvação que passa pela imitação do Cristo que passou pela morte. Eu creio que como luz teológica é talvez o modo que nós temos mais forte de encontrarmos a paz. [...]. Acho que esta deveria ser a nossa leitura: não esperar milagres, nem soluções grandiosas, mas a curtição da vida. Uma curtição da vida assumida na paz e no amor, sem privilégios.<sup>14</sup>

Sendo jesuíta, dom Luciano não deixava de também apontar a afinidade entre a valorização do perdão, entendida como reconciliação com o existente, a despeito de suas falhas e lacunas, com a espiritualidade inaciana:

E aí vamos ao que há de mais belo na espiritualidade inaciana, que é a meditação final acrescentada aos *Exercícios*, em que ele diz: é preciso chegar ao momento em que, subindo de benefício em benefício, se atinge a fonte de todo o bem, e aí se desce, iluminando a vida com a luz da compreensão

<sup>12</sup> DE CERTEAU, Michel. *La Fable Mystique*, 1. XVIe.- XVIIe. Siècles. Paris: Gallimard, 1982. p. 110; GEFFRÉ, Claude (org.). *Michel de Certeau ou la différence chrétienne*. Paris: Du Cerf, 1991. p. 171.

<sup>13</sup> ALMEIDA, Luciano Mendes de. *Jesus Cristo: luz da vida consagrada*. 2ª. ed. São Paulo: Loyola, 1996. p. 50.

<sup>14</sup> ALMEIDA, Luciano Mendes de. Palavras de agradecimento de dom Luciano. In: PAUL, Cláudio (org.). *Doctor Amoris Causa: homenagem a Dom Luciano Mendes de Almeida*. São Paulo: Loyola, 2007. p. 55-56.

do amor e da misericórdia divina, *Ad Amorem*. E é isso que nós temos que fazer para compreender qual é a subida e a descida de uma teologia marcada por essa experiência de Inácio, que diz: 'Você vai agradecendo, percebendo, e há um momento em que você se convence de que Deus ama você'. Daquele momento em diante, tudo se explica à luz desse amor. Até como um remédio que a mãe dá para uma criança é um ato de amor.

E essa leitura inversa – o que quer dizer a leitura certa – de todo mundo à luz do amor, nós lemos em Romanos 8,28: 'Tudo coopera para o bem – *omnis cooperantur in bonum* -, tudo coopera para o bem para aqueles que têm a experiência de que Deus os ama'.<sup>15</sup>

Outra referência importante para dom Luciano em sua compreensão do perdão foi a reflexão do também jesuíta Bernard Lonergan, seu professor de cristologia na Gregoriana e com quem conviveu por quase uma década, de 1955 a 1965. De acordo com Ednilson Turozi de Oliveira,

No pensamento do século XX, Lonergan se insere na corrente neotomista combinando-a com a teoria cognitiva, a dialética hegeliana, o método pedagógico de aprendizado que leva em conta o sujeito, a história e a capacidade do sujeito de autotranscender, de desenvolver, e de se transformar. A relação basilar é com a teoria cognitiva porque ela se vincula “aos dados da consciência e ao desenvolvimento histórico do conhecimento humano” [Lonergan, 1958 (*Insight*), p. 387]. Desse modo, todo conhecimento humano pode se desenvolver e mudar.<sup>16</sup>

A dívida intelectual com Bernard Lonergan foi reconhecida pelo próprio dom Luciano, em comentários efetuados em sua tese,<sup>17</sup> assim como por familiares e amigos, a exemplo de seu irmão Cândido Mendes, para quem “[...] talvez a frase-chave que tenha articulado toda a vida do espírito de Luciano seja a que aprendeu com Bernard Lonergan. Não há leitura da realidade que não se faça, senão, pela busca do *insight*, dessa especial iluminação e disponibilidade do observador, inseparável dessa *filia*, ou de uma pronta abertura para o mundo, por entre as ideias feitas dos preconceitos e estereótipos”.<sup>18</sup> Ora, para Lonergan, a reconciliação é resultante histórica da ação de Cristo, que possibilitou a transcendência do mal disseminado no mundo em bem maior:

---

<sup>15</sup> ALMEIDA, 2007, p. 57-58.

<sup>16</sup> OLIVEIRA, Ednilson Turozi de. O lugar da metafísica na filosofia da religião de Bernard Lonergan. *PLURA*, Revista de Estudos de Religião, vol. 2, nº 2, p. 58-93, 2011. p. 58.

<sup>17</sup> ALMEIDA, Luciano Mendes de. *A Imperfeição Intelectiva do Espírito Humano*: introdução à teoria tomista do conhecimento do outro. São Paulo: Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, 1977. p. 8: “[...] sobre a dupla via de invenção e inteligência, o melhor estudo a nosso conhecimento é o de B. Lonergan na introdução à parte sistemática de seu tratado teológico sobre a Santíssima Trindade”, estudo em latim, produzido para os alunos na Gregoriana em 1964. Comenta ainda que “Sobre a evolução, na linha de inteligência, como um processo de diferenciação e integração, cf. B. Lonergan, de *Methodo*”, publicado em Roma em 1962. *Ibidem*, p. 12.

<sup>18</sup> MENDES, Cândido. *Dom Luciano, o Irmão do Ouro*. Rio de Janeiro: EDUCAM, 2007. p. 15.

O fim primário da redenção é a divina bondade em si mesma. O fim secundário inclui todas as coisas criadas em sua ordenação para algo além, como concebido pela divina sabedoria. Cristo ama esse fim secundário, em paralelo ao superabundante amor do fim primário. O fim secundário recebe muitos nomes: glória visível de Deus, ordem do universo, Corpo de Cristo (cabeça e membros) e todas as coisas na terra e no céu, que são unidas e reconciliadas nele (Ef 1,10; Col 1,20).<sup>19</sup>

Em outro texto, Lonergan reitera:

A ação do Cristo é congregada, em sua totalidade, nessa reconciliação. Tal como o bem de ordem humana implica no constante fluxo de bens particulares, em operações concatenadas, hábitos interiores e instituições externas, sendo todas estreitamente entrelaçadas e vivificadas numa síntese concreta através de relações interpessoais, assim também é o reino de Deus, a Igreja, o corpo de Cristo e pleroma. Pois este reino, este corpo, é um bem de ordem sobrenatural, na qual encontram-se os bens particulares da graça e da glória, as operações pelas quais nós tudo fazemos em nome de nosso Senhor Jesus Cristo (Col 3, 17), as virtudes infusas e presentes do Espírito Santo, e todas as instituições da Igreja. Tudo isso mantém-se unido através de relações interpessoais, uma vez que estar no corpo e ser um membro desse reino não é outra coisa do que são Paulo frequentemente chama de estar 'em Cristo' ou 'no Espírito'.<sup>20</sup>

E, por último, em um cotejamento dos escritos de dom Luciano com as proposições da teologia política contemporânea, é possível verificar uma forte afinidade entre ambas. Assim, defendendo perspectiva similar, Johann Metz esclarece:

[...] o cristianismo precisa trazer à vida política não apenas o princípio do amor ao próximo, mas também o escândalo do amor ao inimigo. [...] Entretanto, esse amor ao inimigo não pode se tornar um oportunismo político, um disfarce da covardia ou da apatia política. E não deve, de modo algum, tornar-se um alibi para a abstenção, para o não envolvimento diante da gritante injustiça. [...] na política, também existe algo como um amor ao inimigo [...] Ele procura eliminar a base de ódio e violência da vida pública. [...] diante da lógica da violência, pela qual a violência sempre gera e gerará violência, devem ser definidos dois tipos de reação. Um deles, de resignação diante dessa lógica, fundamentada numa antropologia extremamente conservadora, e o outro, que parte do princípio de que vale a pena lutar por uma vida política sem violência, mas de modo algum isenta de conflitos e contradições.<sup>21</sup>

Ademais, Metz nos faz lembrar em outro texto, se “[...] o mandamento bíblico mais provocador, aquele do amor ao inimigo, enfatiza que até mesmo os inimigos

<sup>19</sup> LONERGAN, Bernard. Suplemento. *Apud*: VOLK, John. *Lonergan on the historical causality of Christ – in interpretation of the Redemption: a supplement to De Verbo Incarnato*. Dissertation submitted to the Faculty of the Graduate School Marquette University (Doctor of Philosophy). Milwaukee, Wisconsin. May, 2012. p. 247. Tradução minha.

<sup>20</sup> *Apud*: VOLK, 2012, p. 246. Tradução minha.

<sup>21</sup> METZ, Johann Baptist. *Mística de Olhos Abertos*. São Paulo: Paulus, 2013. p. 83-84.



possuem uma face, um nome”, em muitos casos, os embates eclodem não porque “[...] os estranhos em si constituem o principal problema, mas a forma como os vemos”.<sup>22</sup>

### O perdão na sociedade brasileira, latino-americana e mundial

A experiência da reconciliação apresentava-se, para dom Luciano, como princípio ético e religioso a ser vivenciado nas inusitadas – e tantas vezes injustas e perigosas – situações do dia-a-dia, como ele próprio descreve, ao relatar o episódio do sequestro do empresário Luiz Salles, durante 65 dias:

[...] imaginemos a dor, especialmente, da família, temendo alguma violência contra Luiz [...] causa sentimento de tristeza, conforma as palavras de Luiz Salles, o fato de haver pessoas capazes de fazer os outros sofrer. É a multiplicação de sequestros, de violência e de terrorismo numa sociedade insegura, vítima da perversidade de grupos que têm a vida humana como objeto descartável e mero instrumento de vultoso ganho ilícito. Basta pensar nas recentes brutalidades ligadas ao narcotráfico da Colômbia, onde inocentes são mortos covardemente. Pensamos, também nas vítimas dos conflitos de terra no Brasil. Cresce o instinto de vingança e a vontade de fazer justiça com as próprias mãos, como sucede nos linchamentos. Cabe aqui uma séria reeducação da sociedade, que vai desde a formação da criança até a mudança de comportamentos sociais.<sup>23</sup>

A despeito de toda dor, afirma dom Luciano, é preciso continuar acreditando no bem e viver-se tentando promovê-lo: “Temos que agradecer os exemplos que sacodem a nossa mesquinhez. Quem não se impressiona com o testemunho dos pais da jovem aluna de São Paulo que foi vítima de um brutal assassinato? Ofereceram os órgãos para transplantes que salvaram três vidas”.<sup>24</sup> Dom Luciano também forneceu inúmeros indicativos de como essa reconciliação precisava ser promovida no plano internacional:

[...] soubemos da libertação de Nelson Mandela. Sem dúvida, não será fácil, depois de vinte e sete anos e sete meses de reclusão, mesmo para um homem da sua têmpera, dirigir-se ao povo pensando cada palavra. [...] fazemos votos de que, no cumprimento dessa missão, ele saiba ser um exemplo do empenho em defesa dos direitos fundamentais da pessoa humana e do fomento da paz, e também do perdão. Fazemos votos de que, na promoção dos direitos do seu povo, possa valer-se dos métodos da não-violência, de sorte que consiga ajudar o mundo de hoje, sobretudo os jovens, a descobrirem os caminhos do entendimento no respeito à

---

<sup>22</sup> METZ, 2013, p. 61.

<sup>23</sup> ALMEIDA, Luciano Mendes de. *A Serviço da Vida e da Esperança*. São Paulo: Paulinas, 1997. p. 113-114. Dom Luciano também mencionou, em outros escritos, o papel mediador desempenhado por dom Paulo Evaristo Arns em sequestro ocorrido em São Paulo, e a situação de refém de dom Aloisio Lorscheider por presidiários.

<sup>24</sup> ALMEIDA, 1997, p. 125.

dignidade alheia e na confiança no relacionamento baseado em compreensão e em solidariedade.<sup>25</sup>

Aliás, a mediação de conflitos internacionais era tarefa a que dom Luciano se dedicava com empenho, pois, como dizia, “[...] impressiona, sem dúvida, a extrema dificuldade que temos em promover a paz. Desde a última grande Guerra, há 50 anos, o mundo continua encontrando razões aparentes para se armar, lutar e semear a destruição. [...] Em quase todos os conflitos armados, tanto no passado como nos nossos dias, há questões de ambição econômica, de comércio internacional, de petróleo, de reservas minerais e segredos nucleares. Pior é confronto entre raças e nações envolvendo as questões religiosas”.<sup>26</sup> No decorrer dos trinta anos de seu episcopado (1976-2006), as dificuldades para o diálogo que ele buscou favorecer entre diferentes povos e nações viram-se paulatinamente acrescidas pelos embates fraticidas de cunho etnocêntrico e fundamentalista, provocadores de um sem-número de violências.<sup>27</sup> Para dom Luciano, os maiores dilemas encontravam-no

[...] no sofrimento de um povo, o massacre de um povo, é imensa. Espero que esta violência louca termine o mais breve possível, não só em El Salvador, mas no Líbano, na Eritreia, em tantas outras nações do mundo onde há opressões injustificadas. É o mesmo sentimento que provo ao pensar no atentado que matou o presidente recém-eleito no Líbano, no qual descansava a esperança de libertação de toda a nação. Estamos diante do pecado, da maldade do coração humano, e isto faz compreender que Jesus nos deu a vida para podermos vencer o mistério absurdo do pecado. Homens que matam homens, irmãos e irmãs que se separam e são capazes de se destruir mutuamente [...] Perante esta terrível desgraça, devemos unir nossas forças para fazer o bem com decisão ainda maior. É por não ser ainda suficientemente bom e corajoso o nosso coração para empreender as ‘obras do bem’ que o mundo está subvertido pelo egoísmo, a violência e o pecado. Um fato como este exige um renovado compromisso.<sup>28</sup>

A concepção de perdão delineada por dom Luciano, em sua incidência no campo político e social, aproxima-se dos atuais debates sobre justiça restaurativa, distinta da perspectiva retributiva, como argumenta Xabier Etxeberria Mauleon, por propiciar “maiores possibilidades de restauração da vítima e do ofensor e, a partir daí, a inclusão cívica de todos”.<sup>29</sup> Para tanto, é preciso que algumas premissas ético-políticas sejam asseguradas:

<sup>25</sup> Depoimento de dom Luciano Mendes de Almeida. *Apud*: OLIVERO, 1991, p. 118.

<sup>26</sup> ALMEIDA, 1997, p. 238. Ver também SORRENTINO, Francesco. “*Em que posso servir?*” A vocação cristã como serviço no testemunho e nos escritos de Dom Luciano Mendes de Almeida. Dissertação (Mestrado em Teologia). Belo Horizonte: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, 2014. p. 41.

<sup>27</sup> SOARES, Afonso Maria Ligorio. Algumas anotações acerca da atual conjuntura teológico-religiosa do catolicismo romano. *Revista Eletrônica Correlatio*, N. 10, Nov. 2006.

<sup>28</sup> Depoimento de dom Luciano Mendes de Almeida. *Apud*: OLIVERO, 1991, p. 115-116.

<sup>29</sup> MAULEON, Xabier Etxeberria. Justiça e perdão. *Cadernos IHU Ideias*, São Leopoldo, ano 13, n. 226, v. 13, 2015. p. 22.

À vítima [...] fundado na garantia da não repetição do crime, tem que se oferecer a verdade empírica e moral do que aconteceu, com base na memória, no reconhecimento correspondente como vítima, na reparação máxima possível do dano e no apoio à sua recuperação pessoal e cívica que a liberta de seu bloqueio no passado. [...] Ao agressor se impõe [...] reconhecer honestamente o dano injusto causado tanto à sua vítima como a seu ambiente e à sociedade, auxiliar na retomada da verdade e na memória do dano, bem como reparar o que deva e o que estiver à mão. Ele também precisa afirmar claramente que quer participar de processos restaurativos com a vítima, cuja dignidade violou. [...] No diálogo de ambos, um elemento-chave é a transformação da recordação do passado: a verdade do acontecimento, imutável, que continua aí, mas as vivências ligadas a ele são reconfiguradas com grande intensidade moral, a partir do dolo na vítima que integra a abertura para a transformação do agressor, e a partir do trauma positivo deste ao reconhecer-se culpado diante dela.<sup>30</sup>

Dom Luciano, sem dúvida, reiterava a validade de uma justiça restaurativa, podendo-se citar como um dos exemplos de tal posicionamento seu empenho em favor da Pastoral do Menor. A situação de crianças e adolescentes no Brasil o preocupava muito, conforme ele mesmo o descrevia:

Todos os conhecemos. Limpam para-brisas, vendem limão, flores e mentex. Guardam carros. Catam papel velho. Comem e dormem nas próprias ruas, ondem vivem e trabalham. Alguns, pela fome ou maus exemplos, sucumbem à tentação de roubar. Pouco a pouco, abre-se o caminho do assalto e da violência.

Ninguém pode aprovar esta criminalidade juvenil. Mas de quem é a culpa? Sem dúvida, temos parte de responsabilidade nessa situação.<sup>31</sup>

Assim, desde o início de sua atuação como bispo-auxiliar de São Paulo, dom Luciano buscava promover uma conscientização das comunidades quanto à questão do menor, bem como organizar uma pastoral dedicada especialmente a eles. Com isso, já em junho de 1978,

[...] numa reunião do movimento Encontro de Casais com Cristo, foi decidida a colaboração deles com o projeto do governo. Sob a inspiração do bispo-auxiliar, organizou-se o primeiro centro comunitário na favela Jardim Sinhá. Paulatinamente, foram criados mais de cem centros nos diversos cortiços e favelas de São Paulo, expressão de um compromisso social com os menores carentes. Foram fundadas nos bairros diversas Casas do Menor, a fim de receber meninos e meninas egressos da Funabem, mas sem ter famílias que os amparassem.<sup>32</sup>

<sup>30</sup> MAULEON, 2015, p. 29-30.

<sup>31</sup> ALMEIDA, Luciano Mendes de. *O Direito de Viver*. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 65.

<sup>32</sup> Depoimento de Riolando Azzi. *Apud*: ARROCHELLAS (org.), 2006, p. 255.

O ano seguinte, 1979, fora instituído pelo Unicef (Fundo das Nações Unidas para a Infância) como “Ano Internacional da Criança”, mas, contraditoriamente, a despeito desse cenário de apelo mundial pela proteção da criança, o Brasil do regime militar aprovou o novo Código de Menores. Esta legislação instituiu a “doutrina da situação irregular”, definida como a situação de privação das condições de subsistência, maus-tratos, abandono, desvio de conduta moral ou por prática de infração penal. Referidas situações colocavam a criança pobre como potencialmente criminosa, ou seja, as precárias condições sociais transformavam a criança, vítima da exclusão, no réu criminoso, sujeito ao confinamento dos reformatórios. Simultaneamente surgia, por iniciativa da advogada Lia Junqueira, a entidade “Movimento em Defesa do Menor”, com intuito de denunciar a violência praticada contra as crianças pela polícia e pelas FEBEM's.<sup>33</sup> Foi neste contexto que dom Luciano passou a atribuir à Pastoral do Menor uma atuação muito próxima a de uma justiça restaurativa, inspirada no ideário do perdão:

Para os casos que não fosse necessária a internação, entraria em vigor o sistema de ‘liberdade assistida’, com o auxílio da própria comunidade local. Trata-se de confiar a educadores especializados o acompanhamento do menor no próprio domicílio e ambiente de vida. Além de funcionários da FEBEM, há centenas de casais da cidade, reunidos em núcleos, que se consagram voluntariamente à educação dos infratores. Este é o mais antigo serviço da Pastoral do Menor, que embora modesto, têm um forte valor para o menor e a própria sociedade.<sup>34</sup>

Contudo, a concepção de perdão para dom Luciano, decididamente acionada para favorecer maior justiça no sistema político-social, não se detinha nas premissas apontadas por Xabier Mauleon, pois, para o arcebispo jesuíta, o perdão de inspiração cristã apresenta-se como incondicional, podendo ser concedido ainda que o agressor afeire-se à destruição que causou, como descrito por seu irmão Cândido Mendes:

[...] a santidade exemplar, para dom Luciano, era a do arcebispo Van Thuan, de Nha Trang e Saigon, preso durante 13 anos, em 1980, nove dos quais em confinamento. Boa parte desse período passou em cela mínima, sem janela ou luz, arrastando-se à fresta da porta para respirar. O laço de vida era também o da entrada de insetos, minhocas e centopéias, que ele mal distinguia. Rememorava e cantava todo o seu repertório litúrgico [...] Cantava, rezava e andava sem cessar no cubículo para evitar o marasmo final. Não enlouqueceu tanto quanto terminou por contagiar seus algozes, que acabaram por repetir o latim triturado. A entrega radical aí estava no vietnamita, só com o seu terço, na disposição-limite para o encontro com o outro.<sup>35</sup>

<sup>33</sup> LONGO, Isis S. Ser criança e adolescente na sociedade brasileira: passado e presente da história dos direitos infante-juvenis. In: *III Congresso Internacional de Pedagogia Social*, 2010, São Paulo, 2010.

<sup>34</sup> ALMEIDA, Luciano Mendes de. A serviço do menor infrator. *Folha de São Paulo*, 15 fev.1986.

<sup>35</sup> MENDES, 2007, p. 11.

Enquanto Maleon não nega esta faceta incondicional do perdão, mas não a considera apropriada ao domínio público e sim ao âmbito das relações interpessoais, dom Luciano apregoa que o cristão pode perdoar sob quaisquer circunstâncias. Com isso, as reflexões tecidas por Paul Ricoeur e aquelas deixadas por dom Luciano mostram maior afinidade, pois ambos reconhecem o perdão como uma experiência de dádiva, decorrência do dom maior da vida gratuitamente concedida a todos:

[...] encontramos o simbolismo da criação, ele próprio muito complexo, no sentido mais fundamental de doação originária da existência. Pertence a esse simbolismo o primeiro uso do predicado 'bom' aplicado em Gênesis à totalidade das coisas criadas: 'E viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom' (1,31). [...] O amor ao próximo, na forma extrema de amor aos inimigos, encontra no sentimento supraético da dependência do homem-criatura seu primeiro vínculo com a economia da doação. [...] Por um lado, a lei é doação, na medida em que está ligada à história de uma libertação, como lembra Êxodo 20,2: 'Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão'. A justificação, por outro lado, também é doação, na medida em que é perdão gratuito.<sup>36</sup>

De forma similar, afirma dom Luciano: "*Não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim* (Gal 2, 25). Senhor Jesus, vós me dais a força para amar gratuitamente, para amar a todos, para ter as predileções do Evangelho, para ser capaz de perdão, para ser capaz de diálogo, para anunciar a vida que viestes trazer e para entrar na Casa do Pai".<sup>37</sup>

### **Perdão, ecumenismo e diálogo interreligioso**

A ótica reconciliatória de dom Luciano desdobrava-se, por sua vez, no interior do movimento ecumênico. Assim, ele apoiou a promoção das Semanas Ecumênicas, uma iniciativa da Arquidiocese de São Paulo, realizadas desde 1981. Desde 1987, a Semana passou a ter um caráter nacional. Dessa maneira, "Dom Luciano estabeleceu os alicerces da Pastoral do Menor fundamentando a mística e a espiritualidade que orientam toda a caminhada, a intuição e a conscientização de que Deus é Pai Misericordioso que sempre acolhe seus filhos e filhas, e a importância da criança e do adolescente na vida da família, da comunidade e da sociedade".<sup>38</sup>

Foi nesta mesma interface entre comunhão cristã e reconciliação social que dom Luciano participou ativamente de iniciativas do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC), fundado em 1982, tais como a realização, em 2000, da primeira Campanha da Fraternidade Ecumênica, voltada à proclamação da dignidade humana, com repúdio a qualquer forma de exclusão:

<sup>36</sup> RICOEUR, Paul. *Amor e Justiça*. São Paulo: Martins Fontes, 2012. p. 24-25.

<sup>37</sup> *Idem*, A eucaristia: centro da comunidade eclesial, p. 6.

<sup>38</sup> SILVEIRA, Diego Omar da; OLIVEIRA, Fabrício R. Costa; FERREIRA, Rodrigo Souza. IN NOMINE JESU: Entrevista com Dom Luciano Mendes de Almeida. *Cadernos de História*: publicação do corpo discente do Departamento de História da UFOP. Ano I, N. 2, set. 2006. p. 2.

A abertura da CF-2000 no começo da Quaresma apresentou momentos comoventes, como em Curitiba, onde foi organizada uma caminhada entre os vários membros do CONIC. O povo, tendo à frente bispos, presbíteros e pastores, reuniu-se à frente da catedral Nossa Senhora da Luz para a proclamação da palavra de Deus. A multidão seguiu para a Igreja Presbiteriana, onde os que participavam do culto vieram se unir, sob aplausos, aos que caminhavam em direção à Igreja Luterana, entoando os cantos da CF-2000. A emoção foi maior quando anglicanos, católicos, presbiterianos, luteranos e demais cristãos deram-se as mãos para orar o 'Pai Nosso' e pedir a Deus pai que não tarde o dia da união fraterna entre os discípulos de Jesus.<sup>39</sup>

A Campanha em perfil ecumênico foi retomada em 2005, como descreve dom Luciano:

Realiza-se neste ano a segunda Campanha da Fraternidade ecumênica no Brasil, fruto do esforço conjunto dos membros do CONIC - Conselho Nacional das Igrejas Cristãs -, que inclui a Igreja Católica Anglicana Romana, a Igreja Católica Ortodoxa Siríaca, a Igreja Reformada, a Episcopal Anglicana, a Evangélica de Confissão Luterana, a Metodista e a Presbiteriana Unida.<sup>40</sup>

Neste campo, porém, ainda há muito por fazer, face à amplitude das resistências, tanto do lado dos católicos como dos demais cristãos. Assim, por exemplo, “[...] a Igreja Metodista, uma das mais empenhadas no ecumenismo, sob decisão de seu conselho episcopal, decidiu não participar das edições seguintes da Campanha da Fraternidade Ecumênica (2005 e 2010). A alegação das lideranças para esta decisão foi a de que a iniciativa de participar da Campanha dividiu muito a comunidade metodista”.<sup>41</sup> Simultaneamente, o proselitismo religioso tem crescido bastante entre distintos segmentos evangélicos e católicos.<sup>42</sup>

### **Por um humanismo cristão no tempo presente que incorpore o perdão**

Como conclusão, postula-se que dom Luciano defendia um humanismo cristão no tempo presente, no qual o perdão ocupava papel prioritário, como explicitado no discurso

<sup>39</sup> ALMEIDA, Luciano Mendes de. A caminho da Páscoa. *Folha de São Paulo*, 18 mar. 2000.

<sup>40</sup> ALMEIDA, Luciano Mendes de. Campanha da Fraternidade pela paz. *Folha de São Paulo*, 5 fev. 2005.

<sup>41</sup> MARQUES, Luís Henrique. Igreja católica e ecumenismo/inculturação: da revisão conceitual ao impasse com o advento das estratégias de marketing. *Rever*, N. 2, jul.-dez. 2012. p. 27.

<sup>42</sup> MARQUES, 2012, p. 29: “Há uma forte promoção do marketing católico. Existe, inclusive, um instituto de abrangência nacional, capitaneada pela Associação Senhor Jesus (ligada à pela RCC). Em 2002, surgiu a Promocat Marketing Integrado, empresa responsável pela promoção da ExpoCatólica, a maior feira de produtos e serviços católicos do Brasil, realizada anualmente com o apoio da própria CNBB, da Arquidiocese de São Paulo e da maioria das editoras católicas”.

que proferiu no ciclo de palestras realizado na cidade de São Paulo em 2005, intitulado “Jornadas Humanísticas”:

Poderíamos dividir a reflexão em três momentos. Primeiro: perceber que o mundo está desumano. Uma injustiça social brutal, realmente sintomática. [...] Segundo: a agressividade crescente no mundo, que se faz realmente violenta e elimina vidas! [...] Terceiro: a desagregação social. Quem poderia imaginar o que foi o genocídio, por exemplo, na Iugoslávia ou no Burundi? [...] Isso é uma fotografia da “não-humanidade”, ou, se quisermos, do “não-humanismo” dessa humanidade. [...] Então, a gente se pergunta: “O que é que não vai bem?” [...] É um problema de valor, axiológico, [...] uma desordem na hierarquia de valores. [...] aí está a grande chave da leitura axiológica, porque pagar o mal com o mal é vingança; pagar o bem com o mal é maldade; pagar o bem com o bem a gente aprende desde criança; mas pagar o mal com o bem, esse é o evangelho e só isso é o Evangelho! [...] Na mensagem de Cristo há uma genialidade: descobrir a alegria de fazer o bem. [...] É aí que vem a chave evangélica. Ele diz: ‘Não vou pedir ao Pai para tirar vocês desse mundo, porque já tiveram uma mudança axiológica, mas eu vou mandar vocês para dentro desse mundão, para fazerem o bem!’<sup>43</sup>

## Referências

- ALMEIDA, Luciano Mendes de. A caminho da Páscoa. *Folha de São Paulo*, 18 mar. 2000.
- \_\_\_\_\_. Campanha da Fraternidade pela paz. *Folha de São Paulo*, 5 fev. 2005.
- \_\_\_\_\_. *O Direito de Viver*. São Paulo: Paulinas, 1987.
- \_\_\_\_\_. Humanismo e Civilização do Amor: reflexões de Dom Luciano Mendes de Almeida, sj. *Mundo e Missão*, São Paulo, v. 13, n. 107, p. 21-24, nov. 2006. Especial.
- \_\_\_\_\_. *A Imperfeição Intelectiva do Espírito Humano: introdução à teoria tomista do conhecimento do outro*. São Paulo: Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Jesus Cristo: luz da vida consagrada*. 2<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Loyola, 1996.
- \_\_\_\_\_. Palavras de agradecimento de dom Luciano. In: PAUL, Cláudio (org.). *Doctor Amoris Causa: homenagem a Dom Luciano Mendes de Almeida*. São Paulo: Loyola, 2007.
- \_\_\_\_\_. Partilha e perdão. *Folha de São Paulo*, 26 ago. 2006.
- \_\_\_\_\_. A paz de Cristo. *Folha de São Paulo*, 12 jan. 2005.
- \_\_\_\_\_. Ser amado e amar. *Folha de São Paulo*, 6 maio 2006.

<sup>43</sup> ALMEIDA, Luciano Mendes de. Humanismo e Civilização do Amor: reflexões de Dom Luciano Mendes de Almeida, sj. *Mundo e Missão*, São Paulo, v. 13, n. 107, p. 21-24, nov. 2006. Especial. p. 21.

\_\_\_\_\_. *A Serviço da Vida e da Esperança*. São Paulo: Paulinas, 1997.

ARROCHELLAS, Maria Helena. *Deus é bom: homenagem a Dom Luciano*. Rio de Janeiro: EDUCAM, 2006.

ASSIS, Margarida Drumond de. *Dom Luciano, especial dom de Deus*. Rio de Janeiro: EDUCAM, 2010.

BOTASSO, Rosalina. A vida renasce. Entrevista com dom Luciano. *Família Cristã*, junho de 1990.

DE CERTEAU, Michel. *La Fable Mystique, 1. XVIe.- XVIIe. Siècles*. Paris: Gallimard, 1982.

FORTIN, Anne. L'intrigue, une question semiotique? In: PASQUIER, Anne; MARGUERAT, Danie; WÉNIN, André (org). *L'intrigue dans le récit biblique*. Leuven-Paris-Walpole: Uitgeverij Peeters, 2010.

GEFFRÉ, Claude (org.). in: *Michel de Certeau ou la différence chrétienne*. Paris: Du Cerf, 1991.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à Semanálise*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

LONGO, Isis S. Ser criança e adolescente na sociedade brasileira: passado e presente da história dos direitos infanto juvenis. In: *III Congresso Internacional de Pedagogia Social*, 2010, São Paulo, 2010. Disponível em <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092010000100013&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092010000100013&script=sci_arttext)>. Acesso em 12 mar. 2015.

MARQUES, Luís Henrique. Igreja católica e ecumenismo/inculturação: da revisão conceitual ao impasse com o advento das estratégias de marketing. *Rever*, N. 2, jul.-dez. 2012.

MAULEON, Xabier Etxeberria. Justiça e perdão. *Cadernos IHU Ideias*, São Leopoldo, ano 13, n. 226, v. 13, 2015.

MENDES, Cândido. *Dom Luciano, o Irmão do Ouro*. Rio de Janeiro: EDUCAM, 2007.

METZ, Johann Baptist. *Mística de Olhos Abertos*. São Paulo: Paulus, 2013.

OLIVEIRA, Ednilson Turozi de. O lugar da metafísica na filosofia da religião de Bernard Lonergan. *PLURA*, Revista de Estudos de Religião, vol. 2, nº 2, p. 58-93, 2011.

OLIVERO, Ernesto. *Unidos em favor da paz: diálogos com dom Luciano Mendes de Almeida*. São Paulo: Loyola, 1991.

RICOEUR, Paul. *Amor e Justiça*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

SILVEIRA, Diego Omar da; OLIVEIRA, Fabrício R. Costa; FERREIRA, Rodrigo Souza. IN NOMINE JESU: Entrevista com Dom Luciano Mendes de Almeida. *Cadernos de História*:



publicação do corpo discente do Departamento de História da UFOP. Ano I, N. 2, set. 2006.

SOARES, Afonso Maria Ligorio. Algumas anotações acerca da atual conjuntura teológico-religiosa do catolicismo romano. *Revista Eletrônica Correlatio*, N. 10, Nov. 2006.

SORRENTINO, Francesco. *“Em que posso servir?”* A vocação cristã como serviço no testemunho e nos escritos de Dom Luciano Mendes de Almeida. Dissertação (Mestrado em Teologia). Belo Horizonte: Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, 2014.

VOLK, John. *Lonergan on the historical causality of Christ – in interpretation of the Redemption: a supplement to De Verbo Incarnato*. Dissertation submitted to the Faculty of the Graduate School Marquette University (Doctor of Philosophy). Milwaukee, Wisconsin. May, 2012.